

# HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v 12, n. 1

## A PRESENÇA DOS ARQUÉTIPOS NO SINCRETISMO AFRO-CATÓLICO: UM DIÁLOGO ENTRE JUNG E VERGER

ISABEL CRISTINA DE SANTANA SILVA<sup>1</sup>  
PEDRO PAULO VIANA FIGUEIREDO<sup>2</sup>

### Resumo

*O sincretismo Afro-Católico caracteriza-se pela união de elementos de culturas distintas, nesse caso, os Santos católicos com os Orixás, os deuses Africanos. Essa amálgama se dá a nível de representação, onde a ideia ou imagem arquetípica se mantém, ou seja, a forma de representar seus deuses mudou, mas a essência e o valor arquetípico permanece. As pesquisas e teorias desenvolvidas por Carl Gustav Jung contribuem para a melhor compreensão de como se tornou possível tal acontecimento e utilizamos seu conceito de arquétipos para fundamentar esse entendimento acerca do sincretismo. Pierre Verger foi um fotógrafo Francês que se encantou pelo Candomblé quando conheceu a Bahia, e também discute sobre arquétipos, só que a partir do seu olhar antropológico e vivencial, visto que se tornou adepto do candomblé. Esses dois autores discutem sobre arquétipo e representação a partir de campos de estudo diferentes. Portanto, proponho um diálogo entre os dois, finalizando com uma breve articulação sobre a relação arquetípica presente no sincretismo Afro-Católico no Brasil.*

**Palabras chave:** *sincretismo, arquétipos, Orixás, Psicologia Analítica.*

### Abstract

*What characterizes the African-Catholic syncretism is the blending of its distinct elements. In this case, the catholic saints and the Orixás, the African gods. This amalgamation is established by representation, which consists in the fact that the idea or archetype image remains in its original state. In another words, the representation of those entities varies, but the essence and the archetype values*

<sup>1</sup>Psicóloga, graduada pela Faculdade de Ciências Humanas Esuda-Recife/PE

<sup>2</sup>Doutor em Psicologia Social pela PUC-SP, Docente da Faculdade de Ciências Humanas Esuda-Recife/PE

*stay the same. The research and theories developed by Carl Gustav Jung contributed to a better comprehension of the African-Catholic syncretism. Jung's concept of archetypes is commonly used to assist in the process of understanding this phenomenon. French photographer Pierre "Fatumbi" Verger (1902-1996) became fascinated with Candomblé after his first visit to Bahia, Brazil. Verger also explores the archetypes idea through his anthropological point of view and his personal experience, as he adopted Candomblé as his own religion. Both Jung and Verger discuss representation and archetypes from different study fields. Therefore, I propose a dialogue between these two authors, followed by a brief articulation about the archetypical relationship present in the African-Catholic syncretism in Brazil.*

**Keywords ou Palabras Clave:** *Syncretism, Archetypes, Orixás, Analytical Psychology*

## **Introdução**

Histórias são contadas de geração em geração, avós contam essas histórias que trazem de suas memórias mais antigas. Trazem de sua infância. As crenças, os encantamentos, os mal assombramentos. São contos e mitos que ganham vida na hereditariedade que se dá pela palavra, que se fazem presentes em todas as civilizações. Faremos aqui então um recorte desses avós, pois eles são específicos nesse artigo, falamos aqui de avós negros, filhos, netos, descendentes de negros africanos, que foram escravizados no Brasil.

A força que essas histórias tem de se perpetuar, passada de geração em geração através das narrativas, são sempre de grande importância, culturalmente e teoricamente falando. E esse interesse, muitas vezes, se prolonga e começa a ganhar mais sentido nos estudos de História do Brasil, Sociologia e Antropologia, no contato e na leitura sobre costumes e religiões. Todas essas histórias, essa "colcha de retalhos", que muitas vezes nos envolve enquanto crianças, fazem com que se inicie uma busca de sentido histórica. E a partir de um olhar mais amplo, passamos a sentir de forma aflorada essa influência negra que temos nos nossos costumes. Nós, brasileiros, de uma forma geral. Algo que nem sempre é dito, mas se faz, se sente, se presencia.

A partir disso, questionamos sobre como, diante de tantos meios de se extinguir, de tanta repressão, tanta tortura, uma cultura não só sobrevive, mas sofre uma adaptação extraordinária (VALENTE, 1955). É isso que leva-nos ao interesse no sincretismo Afro-Católico. Encontrar um meio criativo, dentro de um ambiente hostil e massacrante – moinho de cultura – de continuar cultuando seus Orixás.

Encontrar nas imagens dos Santos católicos um meio de representar seus Orixás; dentro de uma religião monoteísta, representar seu politeísmo. Sobreviver ao tempo, as chicotadas, as doenças, aos navios negreiros, aos engenhos de moer gente. E o que mais impressiona é a representação. Uma forma diferente de se fazer a mesma coisa.

Segundo Valente (1955) o sincretismo religioso caracteriza-se pela fusão de culturas e crenças, uma união de elementos de culturas distintas, que fundindo-se dão origem a novas formas e atuações, novos elementos e símbolos, mantendo-se, em vários aspectos, características das suas respectivas culturas originais. Muitas vezes – como é o caso do Brasil – o sincretismo surge como forma de amenizar ou equilibrar situações conflitantes, de repressão, por exemplo. Pode acontecer de forma quase inconsciente, por influências que não representam necessariamente uma situação de ameaça ou de guerra de valores, mas existem situações em que esse processo se dá de forma consciente, surgindo como movimento de contracorrente em relação a repressões, torturas e etnocídio.

A chegada dos portugueses foi de grande impacto, em termos de dominações e repressões para com os povos que já ocupavam aquele território, ocorrendo assim encontros e desencontros de culturas, etnias e crenças. O navio português já era, em sua essência, um ambiente mestiço, híbrido. Eram povos de nacionalidades diferentes, que traziam especiarias e costumes de lugares distintos. Quando um navio português chegava às costas brasileiras já trazia em seu convés essa dinâmica cultural particular (RIBEIRO, 1995). O encontro com os povos indígenas, e a influência do catolicismo com as missões jesuítas - a catequese imposta aos índios - já inicia essa fusão, esse entrelaçamento de culturas, e dentro disso, o sincretismo.

Diferente do índio – que estava em sua terra e conhecia melhor do que ninguém cada planta, cada caminho, que era mais difícil de controlar, de escravizar – os povos africanos foram trazidos de suas terras, atravessaram o atlântico em navios, chamados tumbeiros, chegavam em condições miseráveis de saúde, tanto física quanto psíquica, isso quando chegavam vivos (RIBEIRO, 1995). Seus pertences eram seus corpos – território das crenças – e traziam, assim, seus Orixás, suas divindades.

O sincretismo Afro-Católico brasileiro se origina principalmente das repressões e proibições sofridas pelos africanos por parte da classe que detinha o poder, que tinha o catolicismo como religião e doutrina de catequização de outros

povos (VALENTE, 1955). Deste modo, esses povos vindos da África, encontraram no sincretismo uma maneira de continuar cultuando seus orixás, estabelecendo uma representação a partir das imagens arquetípicas. Buscando semelhanças entre os Orixás e os Santos Católicos. Como exemplo dessa representação, Oxun foi sincretizada com Nossa Senhora do Carmo, e de uma forma geral as duas são vistas com características semelhantes, o aspecto materno e protetor (SANTOS, 2009).

Então, diante destes questionamentos, encontra-se na Psicologia Analítica e nos escritos de Pierre Verger uma forma de compreender melhor como isso acontece, como se faz presente e possível esse sincretismo, aqui, o Afro-Católico. E baseados no conceito de *arquétipos*, de Carl Gustav Jung e nos escritos e de Pierre Verger, buscamos essa compreensão e um possível diálogo entre os dois autores.

A Psicologia Analítica caracteriza-se por sua ampla capacidade de compreensão – diante dos seus conceitos – dos fenômenos psíquicos. Para Jung, primordialmente, o homem é um *todo*, ele rejeita a hipótese de uma personalidade fragmentada, para ele o homem já nasce um *todo*, onde no seu processo de desenvolvimento e evolução ele deve buscar um grau cada vez mais elevado de coerência e harmonia com essa unidade. A psique é o todo, e essa, por sua vez, se divide em consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo (HALL; NORDBY, 2010).

Na consciência está o ego como centro, no inconsciente pessoal está todo o material psíquico reprimido e no inconsciente coletivo constam os arquétipos. É no inconsciente coletivo que estão as memórias universais e evolutivas da humanidade, é a herança psíquica. Da mesma forma que nascemos com padrões inatos ligados a sobrevivência da espécie, também há os padrões inatos psíquicos, a consciência é recente, se comparada a nossa estrutura psíquica mais arcaica, onde estão os arquétipos. Os arquétipos podem ser descritos como formas sem conteúdo (originalmente) e universais, é como uma estrutura pré-formada, da herança primitiva da humanidade, que se torna consciente quando preenchemos com conteúdos das nossas experiências individuais (HALL; NORDBY, 2010).

A partir dos arquétipos são formadas representações – que nunca chegam ao que é o arquétipo –, que são formas de expressar algo, que em sua essência, não tem uma forma definida. As representações não são transmitidas hereditariamente, são transmitidas pelo viés sociocultural. Então o arquétipo é universal, e a forma como ele será representado pode variar sem perder a sua configuração original.

Segundo Jung (2008), o arquétipo é uma tendência instintiva “tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho” (p.69), ou seja, assim como os impulsos fisiológicos instintivos são percebidos pelos sentidos e se expressam através deles, essa mesma herança instintiva pode se expressar por meio de imagens simbólicas, arquetípicas, tendo como elementos constituintes a cultura, os acontecimentos históricos e sociais.

Pierre Verger viveu muitos anos na Bahia, se encantou pelas pessoas, pela cultura, pelo lugar. E no Candomblé seu interesse foi além das pesquisas que começou a traçar sobre Orixás e o tráfico de escravos, ele se tornou adepto da religião de matriz africana, buscando assim mais informações sobre as influências das regiões da Costa Ocidental da África sobre a Bahia (VERGER, 2009). Nas suas pesquisas deu significativa atenção para questões como o sincretismo, a influência dos Orixás no "novo mundo", o tráfico de escravos, os primeiros terreiros de candomblé e os arquétipos. Segundo Verger (2009) os arquétipos são tendências inatas da personalidade e toda essa experiência permanece sob domínio do inconsciente.

Esse autor vai falar sobre arquétipos a partir de uma outra ótica, a de um fotógrafo, etnólogo e mais adiante – depois de tornar-se adepto do candomblé – *babalaô*, ou seja, a visão de alguém de origem Europeia, assim com Jung, que se desdobra para além da pesquisa científica, trazendo a visão de quem viveu intensamente cada ritual, cada narrativa escutada entre os dois mundos (África e Brasil), e principalmente – onde aqui retorno ao interesse desse artigo – fala sobre arquétipos de uma maneira muito particular e ao mesmo tempo universal.

Portanto, a partir de uma história em "colcha de retalho", vamos tecendo esses fios em busca de compreensão, entendimento. Essas são as forças que movem o "engenho de dentro" das nossas histórias e narrativas e deste trabalho. Portanto, este artigo terá por objetivo analisar como a Psicologia Analítica contribui para a compreensão do sincretismo Afro-Brasileiro. Utilizando o conceito de Arquétipo, será explorada a ideia de imagem arquetípica para compreendermos como aconteceu o sincretismo da representação dos Orixás por intermédio dos Santos Católicos. Compreender que no sincretismo Afro-Brasileiro determinado santo católico tem função de representação dos orixás, faz refletir que podemos encontrar nessa atividade a questão da imagem arquetípica, tal como previsto pela Psicologia Analítica.

## ANCESTRALIDADE E MITOLOGIA DOS ORIXÁS

*"Um babalaô me contou:*

*Antigamente, os orixás eram homens.  
Homens que se tomaram orixás por causa de seus poderes.  
Homens que se tomaram orixás por causa de sua sabedoria.  
Eles eram respeitados por causa da sua força,  
Eles eram venerados por causa de suas virtudes.  
Nós adoramos sua memória e os altos feitos que realizaram.  
Foi assim que estes homens tomaram-se orixás.  
Os homens eram numerosos sobre a Terra.  
Antigamente, como hoje,  
Muitos deles não eram valentes nem sábios.  
A memória destes não se perpetuou.  
Eles foram completamente esquecidos;  
Não se tomaram orixás.  
Em cada vila, um culto se estabeleceu  
Sobre a lembrança de um ancestral de prestígio  
E lendas foram transmitidas de geração em geração,  
para render-lhes homenagem".*

(CARYBÉ, VERGER, 1997, p. 7)

Os povos africanos relacionam-se com seus deuses, essencialmente, pelo vínculo ancestral, ou seja, de acordo com suas crenças os Orixás um dia foram homens, que enquanto viviam na terra adquiriram vínculos com o mais sagrado do mundo, com as forças sagradas da natureza. O Orixá é um ancestral divinizado, e sua passagem da vida na terra, para tornar-se um ser divino, se dava através do contato íntimo com as forças da natureza – o vento, o mar, o trovão –, onde em um momento de paixão, diante do grande poder (axé) que possuíam, estabeleceram a passagem, tornando-se seres encantados, fragmentos da natureza, e suas histórias são descritas e repassadas nos mitos e lendas, elementos culturais que conservam as lembranças através dos séculos. Ao contrário do que muitos acreditam, na África nunca houve uma hierarquização definida quanto a religião. Dependendo da região em que se está uma comunidade, um mesmo Orixá pode ter uma função diferente, podendo ser uma divindade predominante e de grande veneração em um lugar e não ser em outro, por exemplo (VERGER, 2009).

Esses povos, mesmo antes da influência Europeia, já possuíam seus próprios sistemas econômicos, políticos e sociais. Conheciam o comércio, dominavam várias artes – como a confecção de utensílios de ferro e de outros materiais oferecidos pela natureza que rodeava as suas vivências –, conheciam a escravidão e tinham formas, denominações e dialetos distintos em cada tribo, ao que parece que o termo lorubá, tenha sido adotado muito mais numa tentativa de unificação para fins exploratórios do colonizador europeu. Refiro-me aqui, e destaco esta palavra, *lorubá*, porque há uma crença em boa parte do imaginário social de que esses povos são todos os

mesmos, mas havia diferenças nas tribos, em vários aspectos, dos costumes mais concretos aos mais sagrados, e esse fato, essa tentativa de unificação do colonizador, já diz muito sobre o que vai ser elaborado, discutido e pensado nas páginas que se seguem, quando tratamos sobre o tráfico de escravos e o sincretismo afro-brasileiro. Pierre Verger comenta:

O termo "iorubá" parece ter sido atribuído pelos haussa exclusivamente ao povo de Oyó. Ademakinwa escreve que "a extensão desta palavra é devida à iniciativa de Samuel Ajayi Crowther, nascido em 1810 em Oxogun, no reino de Oyó. Aprisionado pelos *fulani*, em 1821, e vendido como escravo em Lagos, foi libertado por um cruzador britânico da esquadra de repressão ao tráfico de escravos. Levado a Freetown, em Serra Leoa, em 1822, onde estudou, foi em seguida à Inglaterra e voltou à África, onde terminou sua carreira como bispo anglicano, Redigiu, em 1852, seu *Vocabulário iorubá*, que era sua língua, segundo a definição dos haussa. Já em 1830, o Reverendo John Raban da Church Mission Society publicara, com o auxílio de Ajayi Crowther, um vocabulário que ele ainda denominava *eyo*, mas onde declarava que "lorubá é a denominação geral de um grande país, com cinco regiões: Oyó, Egbwa, Ibarupa, Ijebu e Ijexá". Eram mais de cinco divisões, porém "havia interesse, por parte dos missionários, em não fracionar as publicações ( da Bíblia em particular ) destinadas a sustentar seus esforços de evangelização em tantas designações de uma mesma língua. Pareceu mais acertado reunir o conjunto sob o nome de 'iorubá', dado pelos haussa, unicamente ao povo de Oyó. A administração colonial britânica também achava vantajoso adotar este termo como um símbolo de reconciliação das diversas nações, outrora reunidas sob o comando de Aláàfin yó, todas elas falando o iorubá, e que se bateram em conflitos intertribais".(VERGER, 2009, p. 6)

Haviam assim várias denominações, grandes regiões, cada uma com suas respectivas relações com os Orixás, onde haviam sim diferenças peculiares para com alguns aspectos, mas também semelhanças de um caráter mais profundo, mais arraigado, que une de forma mística, sagrada e primitiva, esses povos. Que está presente na forma como repassam para seus descendentes as histórias do seu povo, mantendo assim vivos os ancestrais, sejam eles deuses ou parentes de uma descendência mais próxima, que já se foram para esse mundo outro, tão próximo ao mundo dos vivos.

O mundo dos espíritos e o mundo dos vivos se aproximam através dos mitos e pelo contato com a natureza, é por meio dessas histórias, repassadas de geração em geração desde os tempos mais antigos, que os descendentes aprendem a se comunicar com seus ancestrais e com o passado de seu povo. Campbell (1990) comenta que os mitos antigos surgem como meio de harmonizar mente e corpo, vida e natureza. A mente divaga por caminhos desconhecidos e inexplorados, e o corpo tem dificuldades de acompanhar, ou seja, é um choque entre o concreto e o simbólico que está presente o tempo todo e em vários aspectos da vida humana.

Como meio de melhor compreender e repassar os ensinamentos, as civilizações, cada uma com seus aspectos íntimos e peculiares, contavam histórias,

criavam mitos e traziam eles para suas vivências, tornando-os mais palpáveis através dos ritos, representando aquelas histórias em gestos, costumes e tradições. Segundo Jung (2008) "A origem dos mitos remonta ao primitivo contador de histórias, aos seus sonhos e às emoções que a sua imaginação provoca nos ouvintes. Esses contadores não foram gente muito diferente daquelas que gerações posteriores chamaram de poetas ou filósofos" (p.112).

A fim de exemplificar pensemos sobre as ideias a acerca do criação do mundo e de tudo que nele existe. Em todas as civilizações, em toda cultura, há um mito, lenda ou história, sobre a criação do mundo. Cada uma conta ao seu modo sobre a gênese numa linguagem metafórica, buscando símbolos que tenham significados dentro dessa determinada cultura (GLEISER, 1997). Embora existam diferenças culturais nesses mitos, um mesmo arquétipo está presente em todas essas culturas, nesse caso o arquétipo da criação do mundo, que surge diante da necessidade que o homem tem de saber de onde surgiu tudo que existe no mundo, se houve um começo ou se terá um fim.

Segundo Jung (2014), o homem primitivo relaciona-se de uma forma mais essencial com os elementos da natureza e seu conhecimento sobre a mesma se manifesta através da linguagem e da maneira como externalizam essas sensações da alma, na forma como se comportam em suas respectivas culturas. Os arquétipos são tratados de forma especial nos ensinamentos tribais, por exemplo, pois eles passam a não ser mas conteúdos inconscientes na medida em que são transmitidos conscientemente pela tradição, através dos mitos - uma forma típica de transmitir conteúdos coletivos existentes em camadas profundas do inconsciente (JUNG, 2014).

Conceitos como os de inconsciente coletivo e arquétipos, estudados e desenvolvidos por Jung, dão base e sustentação para uma melhor compreensão/explicação de como se faz possível movimentos como o sincretismo, que possibilitam a adaptação de diferentes crenças, que se renovam em termos de representação mas que mantêm-se nas suas unidades originais a nível arquetípico, como é o caso do sincretismo Afro-Católico no Brasil. Portanto, para entender de forma mais aprofundada esses conceitos faz-se necessário uma breve apresentação sobre a vida e a obra de Carl Gustav Jung.

## **A RELAÇÃO DO SINCRETISMO AFRO-CATÓLICO COM OS CONCEITOS JUNGUINOS DE ARQUÉTIPO E INCONSCIENTE COLETIVO**



"Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que dele repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade" (JUNG, 2015, p.25). Assim Jung inicia sua autobiografia, escrita quando tinha 83 anos, onde coloca em palavras tudo aquilo que segundo ele representa parcialmente sua existência.

Carl Gustav Jung nasceu em Kesswil, na Suíça, em 26 de Julho de 1875. Seu pai era pastor protestante e foi transferido para uma região próxima à Basileia, importante centro cultural da Europa naquela época. Foi na Basileia que Jung realizou todos os seus estudos, ingressando, assim, na célebre Universidade da Basileia. Ele cresceu em torno dessas influências religiosas, contudo não relata ter vivido nenhuma fase de dedicação fervorosa ao protestantismo, desenvolvendo muito mais uma observação reflexiva sobre as ideias religiosas. Essas vivências e primeiras experiências internas e externas o inspirou à busca de maiores conhecimentos acerca da ideia de Deus, que tanto o fascinava. Essa visão que ele tinha de um mundo cheio de contradições o levou a refletir sobre este ser supremo que ao seu ver representava uma poderosa força de influências benévolas e terríveis (SILVEIRA, 1981).

Esses pensamentos e reflexões que Jung vivenciou desde muito cedo em sua vida foi se somando aos seus interesses pelas ciências naturais, médicas e filosóficas, que influenciaram de forma substancial a sua obra de vida, e o desenvolvimento de conceitos como os de inconsciente coletivo, arquétipos, sua ideia de self, dentre outros (SILVEIRA, 1981).

Nos seus estudos, Jung reconhece a objetividade nos fenômenos psíquicos, e com seu olhar empírico passou a desenvolver e descobrir formas de conhecer esses processos internos que são fundamentados no arquétipo de *self*, sendo este último uma grandeza mais abrangente. É o *todo*, pertencente ao humano desde que nasce (JUNG, 2012). O *self* é a totalidade: nele constam o ego, o consciente e o inconsciente. O ego é o centro da consciência, com quem os conteúdos conscientes se relacionam, aqueles que são percebidos a partir do mundo externo, já o inconsciente é o mundo desconhecido, onde para Jung (1985) "a consciência é como uma superfície ou película cobrindo a vasta área inconsciente, cuja extensão é desconhecida" (p.??).

Na parte inconsciente constam conteúdos reprimidos, esquecidos ou recalçados, funcionando assim como depósito de tudo aquilo que não está na consciência. Mas segundo Jung (2008) o inconsciente não é só um depósito desses

conteúdos "rejeitados", podendo haver não só conteúdos já conhecidos – ou seja, aqueles que de alguma forma foram recebidos do ambiente externo mas não se tornaram conscientes – como também conteúdos inteiramente novos que não vieram do ambiente externo, e sim de uma camada mais arcaica da psique, povoada por conteúdos igualmente arcaicos, sendo estes o inconsciente coletivo e os arquétipos.

O inconsciente coletivo é universal, a manifestação dos seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte, possuem uma característica autônoma, algo que coexiste entre sentimento e pensamento (JUNG, 1980). Nas religiões primitivas é possível perceber a existência de imagens primordiais, que compõem o conteúdo existente do inconsciente coletivo, pois há nessas religiões a crença em uma força mágica, que não se referem a espíritos ou almas, mas sim a energia primitiva.

Jung comenta que a mente humana possui essas ideias desde os primórdios, e que precisam basicamente de certas disposições para se revelarem e segundo ele:

Este conceito de energia também é a primeira versão do conceito de deus entre os primitivos. A imagem desenvolveu-se em variações sempre novas no decurso da história. No Antigo Testamento a força mágica resplandece na sarça que arde em chamas diante de Moisés. No Evangelho manifesta-se pela descida do Espírito Santo em forma de línguas de fogo vindas do céu. Em Heráclito aparece como energia universal, como "o fogo eternamente vivo". Entre os persas é a viva luz do fogo do "haoma", da graça divina; para os estóicos é o calor primordial, a força do destino. (JUNG, 1980, p.62)

Os arquétipos são imagens primordiais, são memórias que vão além de recordações pessoais, e se revelam em mitos e lendas em todo o mundo, mostrando uma ligação hereditária com a história da humanidade, transformando-se em imagens universais e originárias, que para Jung (1980) "isso não quer dizer, em absoluto, que as *imaginações* sejam *hereditárias*; hereditária é apenas a *capacidade de ter tais imagens*, o que é bem diferente" (p. 59).

Entrar em contato com conteúdos do inconsciente coletivo significa alcançar uma herança ancestral, assim como herdamos características instintivas da evolução da espécie humana também há heranças dos conteúdos psíquicos. Segundo Jung (1980), trata-se de ter acesso a conteúdos de um período pré-infantil, uma herança ancestral, que são alcançadas através do contato com o inconsciente coletivo, por meio de imagens arquetípicas, que são representadas íntima ou culturalmente através dos mitos, dos sonhos pessoais, das lendas.

Um caso típico desses é a visão da Trindade do Irmão Niklaus von der Flüe. Outro exemplo é a visão da cobra de múltiplos olhos, de Inácio de Loyola, que a princípio foi interpretada como sendo uma visão divina e depois como uma visão diabólica. Através de reinterpretações desse tipo, a experiência original é substituída por imagens e palavras emprestadas de fontes

estranhas e por interpretações, idéias e formas que não nasceram necessariamente no nosso chão e, sobretudo, não estão ligadas ao nosso coração, mas apenas à cabeça. (JUNG, 1980, p. 70 e 71)

De acordo com Silveira (1981) são feitos muitos equívocos acerca do conceito de arquétipos desenvolvido por Jung, como se ele falasse que essas imagens ou ideias arquetípicas fossem inatas, quando na realidade elas são possibilidades herdadas, e a forma de representação será sempre uma tentativa de aproximação dessas imagens primordiais, vindas de tempos remotos, que dizem respeito a história da humanidade, das suas vivências através dos milênios, repetidas incontáveis vezes, tratando-se do seu contato com a natureza, com as emoções e fantasias.

O homem primordialmente se relacionou com a natureza, e foi a partir dessa relação que desenvolveu todas as suas aptidões, as evoluções biológicas e conseqüentemente psíquicas, ao longo da sua existência. Jung (2015) pode perceber em suas viagens ao México e a África, por exemplo, o quanto essa relação ainda se fazia presente naquela época, para esses povos, que mantinham suas tradições, apesar de todas as influências sofridas com colonizações e invasões estrangeiras.

Quando visitava os índios pueblos Jung traçou uma conversa com um chefe dos pueblos tao, que se chamava Ochwiay Bianco, onde o mesmo falava sobre as impressões que seu povo tinha sobre o homem branco. Achavam que o homem branco era louco, pois pensavam com a cabeça, enquanto os Pueblos pensam com o coração, demonstrando, para Jung, uma outra face da colonização, onde suas catequizações e todos os processos para tornar aquela determinada sociedade "civilizada" era na verdade uma invasão, uma violência para com o que há de mais sagrado nesses povos, suas crenças (JUNG, 2015).

O Deus para os pueblos é o sol, eles eram filhos do sol e suas vidas mantinham uma relação fundamentalmente cosmológica, contemplavam o sol, e tudo que envolvia suas práticas religiosas era realizado em nome da humanidade, de todos os povos, e não só para eles, e foi diante de relatos como esse que Jung percebeu a grandiosidade presente nos costumes e tradições desses povos ditos "primitivos":

Compreendi, então, sobre o que repousava a "dignidade", a certeza serena do indivíduo isolado: era um filho do sol, sua vida tinha um sentido cosmológico: não assistia ele a seu pai — que conserva toda vida — em seu nascente e poente cotidianos? Se compararmos a isso nossa autojustificação, ou o sentido que a razão empresta à nossa vida, não podemos deixar de ficar impressionados com a nossa miséria. (JUNG, 2015, p. 253)

Na época dessas viagens Jung não tinha se dado conta, por completo, da experiência arquetípica que estava vivenciando, inicialmente se deteve ao carácter mais histórico, mas a partir de alguns diálogos traçados entre habitantes locais pode refletir de forma profunda sobre a relação que o homem estabelece com seus deuses e os rituais de cada sociedade. Na visita a África, em contato com uma determinada tribo percebeu que assim como os Pueblos, os Africanos também veneravam o sol enquanto representação de um ser supremo, um Deus, de onde tudo ganha vida, de onde tudo que há no mundo surgiu. Sendo assim esses povos tinham o costume de todas as manhãs cuspir ou soprar vigorosamente as mãos e apresentá-las em direção ao sol nascente (JUNG, 2015)

Nessa ocasião constatou que eles não sabiam porque faziam aquilo, nem o que significava aquele gesto, e nunca tinham se perguntado, mas Jung logo relacionou esse gesto com a concepção primitiva em relação a saliva, sendo esta uma substância mágica de força vital (JUNG, 2015). Pôde-se perceber que a ideia arquetípica vigora nesse exemplo, pois, embora os ritos sejam não mais que semelhantes — nesse gesto os africanos ofereciam sua alma, sua força vital a esse Deus (sol) que proporcionava vida, enquanto para os Pueblos o que eles faziam, suas cerimônias, tinha um valor universal — a ideia primordial, essencial, é a mesma, ou seja, o arquétipo da origem, de um ser supremo que criou tudo que existe no mundo.

O homem, na impossibilidade de alcançar o arquétipo, utiliza formas de expressá-los, como através de símbolos, de mitos, de lendas, e nessa viagem Jung percebe a importância dessa característica humana.

Agora, o apreendia, constatando, por outro lado, que o homem é indispensável à perfeição da criação e que, ainda mais é o segundo criador do mundo; é o homem que dá ao mundo, pela primeira vez, a capacidade de ser objetivo — sem poder ser ouvido, devorando silenciosamente, gerando, morrendo, abanando a cabeça através de centenas de milhões de anos, o mundo se desenrolaria na noite mais profunda do não ser, para atingir um fim indeterminando. A consciência humana foi a primeira criadora da existência objetiva e do significado: foi assim que o homem encontrou seu lugar indispensável no grande processo do ser. (JUNG, 2015, p.257)

De acordo com Jung (2014) os arquétipos se revelam através dos mitos a nível mais coletivo e etnológico, mas também se revelam a nível individual, sendo deste modo, bem mais intenso, e ocorre quando há um rebaixamento do nível da consciência. Aqui faço relação com algo que também foi observado por Pierre Verger, pois assim como nos mitos, nas narrativas, nas lendas, nos próprios rituais

de possessão de determinadas tribos e suas respectivas crenças, se pode perceber o carácter arquetípico que se revela, a nível social e individual (VERGER, 2002).

O arquétipo se revela no sincretismo religioso afro-catolico, e Pierre Verger trata desde assunto de forma substancialmente vivencial, onde podemos claramente fazer um relação entre os conceitos de Jung sobre arquétipos e inconsciente coletivo e o sincretismo entre os Deuses Iorubas e os santos católicos, e além disso, perceber como esses arquétipos dos Santos/orixás se revelam nas rituais característicos do candomblé na Bahia e nas suas origens Africanas, na Costa Ocidental da África, onde Verger fez seus estudos e pesquisas.

## **PIERRE VERGER: SINCRETISMO E OS ARQUÉTIPOS NOS ORIXÁS**

Pierre Edouard Léopold Verger nasceu em 1902, na França, foi fotógrafo, etnólogo e antropólogo. Viveu grande parte da sua vida na Bahia, na cidade de Salvador, onde se encantou pelas pessoas, pela cultura, e desenvolveu o que viria a ser o seu principal foco de interesse, a pesquisa sobre a cultura afro-baiana, a diáspora africana e o candomblé. Verger viajou pelos cinco continentes, e foi em 1946 que desembarcou na Bahia, lugar que permaneceu por muitos anos, morando, fazendo amizades, fotografando. Foi atraído pela hospitalidade das pessoas, pela tranquilidade, e gostava daquela gente em sua essência, dos lugares simples, dos rituais do ambiente.

Quando conheceu o candomblé passou a acreditar que essa era fonte principal de vitalidade daquele povo, e tornou-se um estudioso do culto dos Orixás, vindo mais tarde a se tornar adepto da religião, sendo iniciado<sup>1</sup> na África, onde recebeu o nome Fatumbi<sup>2</sup>, tornando-se um *babalaô*<sup>3</sup>. Seu interesse pelas tradições fez com que ganhasse uma bolsa para estudar os cultos na África, para onde foi em 1948, iniciando assim seu ofício de pesquisador. Lá estabeleceu contato por vários anos entre a África Ocidental e a Bahia, tornando-se um "mensageiro entre dois mundos", onde levava mensagens, objetos e presentes. (Fundação Pierre Verger)

Verger conheceu profundamente esta cultura com a qual se identificou, e segundo ele a cultura africana, herdada pelos seus descendentes brasileiros é muito mais complexa do que é contado em muitos livros, a questão da sua religiosidade e da seu idioma é de uma carácter muito mais amplo do que a generalização que ocorre, por exemplo, com o termo Iorubá (VERGER, 2002). Cada região tem sua

---

1 Ritual necessário para ser possuído por um Orixá

2 Renascido graças ao Ifá

3 Tornar-se adivinho através do jogo do Ifá, com acesso às tradições orais dos Iorubás

denominação, e apesar de uma grande tentativa de unificação por interesse de países que invadiam a África, seus habitantes resistiam preservando suas origens, pois segundo Verger (2002) "cada um desses grupos prefere ser Egbá, Ifé, Ijebu ou Ijexá a ser Iorubá" (p.15).

As religiões de matriz africanas e os Orixás presentes no Brasil são consequências do tráfico de escravos. Essas pessoas eram tiradas de seu país de origem, trazidos de diferentes regiões da África, sendo levados para diferentes regiões das Américas e das Antilhas, povos esses que não falavam a mesma língua, onde na maioria das vezes o que tinham em comum era o infeliz destino da escravidão (VERGER, 2002).

Segundo Ribeiro (1995), na África, as comunidades ditas primitivas tinham seus sistemas político, social e econômico muito bem definidos, muito antes de serem perseguidos e dominados pelos europeus. Povos que tinham uma história muito antiga, e quanto a suas crenças mais íntimas, reservavam um lugar muito especial e significativo ao sagrado, aos deuses, àqueles que eram seus ancestrais, e se comunicavam através de seus descendentes mais próximos. O natural e o extranatural não possuem uma separação cartesiana, não há limite definido entre o mundo dos homens e o mundo dos ancestrais.

Trazidos em navios negreiros, em condições miseráveis de existência, desapropriados de suas terras, de suas casas, do seu habitat, terreno sagrado de sua cultura e seus ancestrais, os povos africanos foram escravizados, massacrados, e o colonizador português, habitante desta terra nova, ia além. Tentaram destruir, converter e catequizar o elemento mais sagrado de um povo, as suas crenças, o que se tem de mais íntimo, o que se origina num passado quase intocável, inalcançável, que não tem começo definido (RIBEIRO, 1995). Mas segundo Verger (2002) o movimento de resistência quanto às catequeses e repressões foi de uma força extraordinária e já se podia perceber em meados do século XVIII indícios do que viria a ser o sincretismo, embora não se tenha relatos que especifiquem ou comprovem objetivamente o ano ou época de um início.

Mas a verdade é que esses povos vindos da África já demonstravam sua capacidade de resistência mesmo antes de acontecer um sincretismo propriamente dito, pois na época das grandes navegações os navios negreiros (tumbeiros) levavam nomes de santos católicos, com a intenção de indicar que aquele era o caminho do paraíso, e a partir daí os escravos passaram a estabelecer os primeiros contatos com os nomes dos Santos, onde mais tarde usariam esses mesmos nomes

para disfarçar o culto que estavam fazendo em nome dos seus Orixás, dos seus deuses (VERGER, 2002).

Os mesmos Santos que um dia protegeram os navios negreiros passaram a proteger os próprios escravos, ajudando-os a enganar os seus senhores quanto às festas, as danças, realizavas aos domingos, ou seja, enquanto os senhores achavam que eles estavam festejando em nome dos santos católicos, na verdade eles estavam louvando e realizando preces para seus Orixás, enquanto eram interrogados quanto a cantar em seus idiomas argumentavam dizendo que eram preces para os "Santos do paraíso" (Idem).

Verger (2002) comenta que o sincretismo parece ter seguido uma lógica que ia de acordo com características semelhantes entre cada santo e o Orixá correspondente, por mais que a primeira impressão causasse qualquer estranheza, sempre havia alguma característica que dava sentido para a associação entre determinado santo com um Orixá. Essa relação, segundo Jung (2014) é feita a nível coletivo e o que proporciona o sentido de relação, mesmo o aparentemente mais sutil, é o arquétipo que rege cada santo ou orixá.

Pode parecer estranho, à primeira vista, que Xangô, deus do trovão, violento e viril, tinha sido comparado a São Jerônimo, representado por um ancião calvo e inclinado sobre velhos livros, mas que é frequentemente acompanhado, em suas imagens, por um leão docilmente deitado a seus pés. E como o leão é um dos símbolos de realeza entre os iorubás, São Jerônimo foi comparada a Xangô, o terceiro soberano dessa nação. (VERGER, 2002, p. 26)

Portanto há esse caráter mais geral, coletivo, que proporciona o sincretismo, e o caráter individual, que é retratado por Verger nos exemplos dos cultos na África e dos seus descendentes que tornaram-se escravos no Brasil. Segundo Verger (2002), o Orixá no "novo mundo" ganhava uma característica mais individual, enquanto na África o contato com os seus deuses era estabelecido em primeiro lugar pelos sacerdotes, enquanto os outros membros apoiavam o culto de outras formas, custeando os gastos, organizando.

Já no Brasil cada membro buscava um terreiro, para realizar pessoalmente os cultos para o seu Orixá, eles tornavam-se filhos de santo, cada casa de candomblé apresentava vários orixás pessoais, e ao mesmo tempo tinha um Orixá principal em cada terreiro, sendo esta uma forma de recuperar o que tráfico de escravos dispersou (VERGER, 2002). Alguns filhos de santo passam por um ritual de possessão, e nessas ocasiões revelam as tendências, as características arquetípicas dos seus Orixás, que para Verger são arquétipos da personalidade

escondida de cada um (Idem). Cada Orixá apresenta suas características arquetípicas, e há uma vasta variedade de Orixás, pois acredita-se, por exemplo, que existem doze Xangôs, dezesseis Oxalás é assim por diante, onde, segundo Verger (2002), "Oxum, por exemplo, pode ser guerreira, coquete ou maternal, dependendo do nome que leva" (VERGER, 2002, p. 34).

Portanto, de forma mais coletiva os Santos Católicos foram comparados com os Orixás de acordo com o arquétipo predominante identificado por esses povos, de acordo com as suas crenças e conhecimentos, enquanto de uma forma individual, aqui no Brasil, a questão arquetípica também se revelava individualmente, através dos filhos de santo, onde nos rituais de possessão essas pessoas revelavam tendências inatas, características arquetípicas de seu Orixá de cabeça, que para Verger eram suas tendências próprias, escondidas pela cultura e todos os outros entraves aprendidos socialmente (HOLANDA, 1998).

Verger não só observa como pesquisa e produz. Além disso, torna-se adepto dessa religião e consegue perceber através do seu contato com esses povos, os Africanos e seus descendentes, essa possibilidade de se manter vivas suas crenças, sua religião, as histórias do seu povo (HOLANDA, 1998). Essas histórias cruzaram o Atlântico e, a partir do sincretismo, seus deuses se mantiveram presentes arquetipicamente na imagem e nas histórias dos Santos católicos, de uma religião monoteísta. Os deuses africanos, vindos de várias partes, e cada povo com seus respectivos costumes, se uniram em nome da resistência do que há de mais sagrado de um povo, sua história e suas heranças psíquicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conceito de arquétipo de Jung permite compreender como temas idênticos podem surgir em sociedades diferentes, em cada cultura, nos seus ritos, nas artes, nos sonhos. Cada sociedade relaciona-se com os arquétipos através do inconsciente coletivo, e esses arquétipos são representados através dos mitos, das lendas, dos símbolos que são criados a partir desse contato com as imagens arquetípicas. Esse mesmo conceito, estendendo-se até o que está sendo tratado nesse artigo, o sincretismo religioso, auxilia na compreensão de que os orixás são sincretizados com os santos católicos. Mas a mudança não se dá arquetipicamente - pois para Jung o arquétipo é inatingível - só a forma de representar, ou seja, sua imagem arquetípica, muda.



Assim como Jung, Pierre Verger percorre horizontes que irão bem além do que a sua visão Europeia poderia alcançar. Encontra a Bahia e se relaciona de forma profunda com o candomblé, recebendo o nome de Fatumbi, depois de ser iniciado na religião, e viajando para África, torna-se mensageiro entre os povos descendentes aqui no Brasil e seus ancestrais na África. É interessante a semelhança desses dois autores europeus, que se relacionam com os povos primitivos e percebem a presença dos arquétipos compreendendo esses povos em sua essência.

Jung em suas viagens a tribos africanas, por exemplo, percebe o quanto era nítida a herança arquetípica, a presença dessas imagens nos contos, nos gestos, nas tradições, confirmavam a presença de um inconsciente coletivo, que é acessado e na impossibilidade de se alcançar e retratar a imagem original, seus conteúdos se revelem culturalmente, renovados, semelhantes, sem perder a essência, a herança primitiva, que é passada de geração em geração.

Quando tratamos de sincretismo Afro-Católico no Brasil, nos implica compreender fatos históricos, que influenciaram diretamente na necessidade de adaptação para a preservação da vida, e das suas crenças. O Brasil se caracteriza pelo encontro de culturas distintas, povos que se entrelaçam de uma forma quase acidental, formando assim um povo novo, de uma cultura híbrida, de influências variadas. No caminhar dessa história houveram muitas torturas, escravidão e repressões, de povos que não eram desse país “novo”, desse lugar “encontrado”, eram pessoas de lugares distintos, de cultura e crenças características, e mesmo que parecessem todos iguais no olhar do colonizador Europeu, tinham origens diferentes.

Essas pessoas vieram sem pertences materiais, mas carregavam dentro de si suas crenças, seus deuses, encontraram, mesmo na presença e na imposição da religião católica, possibilidade de cultuar seus Orixás, e encontraram nos Santos católicos uma forma de representar seus deuses, estabelecendo assim o sincretismo. E é a partir da compreensão da ideia arquetípica que se faz possível entender o sincretismo.

A nível coletivo o arquétipo, quanto ao sincretismo Afro-Católico, é o que permanece inalterado, sendo este o caráter mais profundo, que para Jung é inalcançável. Esse caráter mais profundo só é possível ser representando, mostrando-se através de símbolos e imagens, criadas socialmente, é isso que acontece no sincretismo, a forma de representar mudou, mas o arquétipo é o mesmo. Verger demonstra esse fato muito claramente, quando cita os Orixás e seus

Santos católicos correspondentes depois de sincretizados, por exemplo, o senhor do Bonfim é sincretizado com Oxalá, Iemanjá com Nossa Senhora da Conceição e o arquétipo de popularidade do primeiro e da grande mãe do segundo não são alterados se olharmos mais simbolicamente.

Nesse sentido o arquétipo se revela de duas formas, a primeira é mais coletiva, abarca a cultura de uma forma mais geral, que é o caso dos Santos e dos Orixás quando sincretizados, e a segunda é de nível mais íntimo e individual, como ocorre com os filhos de santo, citados por Verger, nas situações de transe e possessão. Cada filho de santo se relaciona com o Orixá, esse Orixá se combina com cada pessoa a nível arquetípico, e essas características se revelam nos rituais de possessão. Mas segundo Verger (2012) na verdade essas pessoas revelam, nessas ocasiões, suas tendências inatas, algo que permanece escondido na sua personalidade pelas influências socioculturais.

A compreensão de Jung sobre o Self revela traços de um semelhante entendimento acerca dessas tendências inatas anteriormente citadas, que foram também retratadas por Verger. Para Jung os seres humanos nascem totalidade, sua psique é total, e ao longo da vida a busca seria por descobrir nossas tendências inatas. Verger compreendeu isso a nível de pesquisa e de vivência, já que participou de todos os rituais necessários pra se tornar um babalaô, alcançou cargos importantes dentro das tribos na África e do terreiro de Candomblé na Bahia, mesmo sem ser negro, sem pertencer originalmente a essa cultura. Diante dessa experiência pode perceber essa característica íntima, comum a todos os humanos, sendo reveladas nos rituais.

Jung elaborou muitos aspectos das suas teorias a partir das próprias experiências individuais, ele mesmo relata que sua vida é a história de um inconsciente que se revelou, e buscava dessa mesma forma observar tudo que o rodeava, em sua essência. Foi a partir de relatos de sonhos que percebeu a nossa herança arquetípica, nossa herança primitiva, que se revela independente de região, classe social ou raça. Somos seres coletivos por essência, guardamos uma herança coletiva (inconsciente coletivo) que é acessada constantemente, mesmo que a nível inconsciente. Além disso, Jung também acreditava nessas tendências inatas, observando-as através dos sonhos dos seus pacientes, dos mitos e lendas encontradas em tribos nas suas viagens e nos seus estudos mais variados.

São essas características de pensamento e estudo que aproximam esses dois autores, não contemporâneos, de profissões diferentes, mas que coincidentemente falam de assuntos semelhantes, com experiências também muito

semelhantes, e esse olhar empírico e existencial para os fatos que traçaram seus caminhos. Os arquétipos para os dois são tendências inatas, coletivamente ou individualmente, se revelam no seu caráter mais íntimo, sobrevivem ao tempo, a torturas, repressões, a além disso, são revelados, independente de cultura, nas imagens, nos mitos e ritos. O ser humano de hoje é constituído pela herança dos seus ancestrais, as tendências inatas revelam-se também psiquicamente, e são guardadas nos caminhos mais profundos do inconsciente toda a história da humanidade.

## Referências

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1999.

CARYBÉ; VERGER, P. **Lendas Africanas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1997.

GLEISER, MARCELO. **A dança do universo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOLANDA, L. B. **Pierre Verger**: O mensageiro entre dois mundos. disponível em [http://canalcurta.tv.br/pt/filme/?name=pierre\\_fatumbi\\_verger\\_o\\_mensageiro\\_entre\\_dois\\_mundos](http://canalcurta.tv.br/pt/filme/?name=pierre_fatumbi_verger_o_mensageiro_entre_dois_mundos). Acesso em 10 de maio de 2016.

JUNG, C.G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

\_\_\_\_\_. **Aion**: Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. Vozes: Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, M. **Raça**. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/843341/>. Acesso em 2 de Fevereiro de 2016.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, M.C.B. **Sincretismo afro-católico**: Entre Oxun e Nossa Senhora do Carmo.2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2009.

SILVEIRA, N. D. **Jung**: Vida e Obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

VALENTE, W. **Sincretismo Religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

VERGER, P. F. **Orixás**. Salvador: Corrupio, 2002.